

## As ligas acadêmicas como suplemento da graduação em psicologia: uma experiência como coordenadora da LASG (2015-2016)

### Academic leagues as a supplement to psychology undergraduate curriculum: an experience as coordinator of LASG (2015-2016)

Raíssa Lé Vilasboas Alves<sup>1</sup> 

Anna Amélia de Faria<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Autora para correspondência. Universidade Federal da Bahia (Salvador). Bahia, Brasil. raissalvalves@gmail.com

<sup>2</sup>Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (Salvador). Bahia, Brasil. annafaria@bahiana.edu.br

**RESUMO | INTRODUÇÃO:** A Psicologia apenas foi reconhecida como profissão no Brasil em 1962, assim, ainda traz em sua formação brechas curriculares que precisam ser repensadas. As Ligas Acadêmicas (LA) surgem como uma resistência estudantil no campo da saúde, como complemento alternativo da formação universitária, principalmente nas instituições privadas. Hoje, um “espaço” limítrofe entre instituição e comunidade, preservando sua autonomia e independência. **OBJETIVO:** Esse trabalho objetiva elucidar a importância das Ligas Acadêmicas na graduação em Psicologia, através das lentes de uma das fundadoras da Liga Acadêmica de Sexualidade e Gênero. **METODOLOGIA:** O presente estudo foi produzido a partir de um relato de experiência utilizando três disparadores para sua construção: a) o contexto no qual a LASG surgiu; b) as atividades desenvolvidas pela LASG; c) contribuições da LASG para a formação em Psicologia. **DISCUSSÃO:** Além de objetivar a ampliação dos conhecimentos acerca da temática sexualidade e gênero, e de cumprir com o estatuto promovendo a extensão, ensino e pesquisa, a LASG tem como objetivo, também, lutar por uma reavaliação do currículo proposto para o curso de Psicologia. **CONCLUSÃO:** É necessário pensar criticamente a respeito da formação em Psicologia, reverendo suas prioridades e buscando minimizar seus défices para formar profissionais com engajamento e compromisso social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade. Gênero. Psicologia. Ensino Superior.

**ABSTRACT | INTRODUCTION:** Studying Psychology was only recognized as profession in Brazil circa 1962, thus the formation of Psychologists in Universities presents curriculum deficits worth of reflection. The Academic Leagues emerged as a movement of Health Sciences' students advocating for an alternative complement to their university education, especially in private institutions. Today, the Academic Leagues are established between institution and community, preserving their autonomy. **OBJECTIVE:** This article aims to elucidate the importance of the Academic League in the enhancement of the Psychology's undergraduate curriculum, through the lens of one's founders of Academic Leagues of Sexuality and Gender (LASG). **METHODOLOGY:** The present study is the outcome of an Experience Report triggered by three elements: a) the context in which LASG emerged; b) the activities developed by LASG; c) LASG's contributions to Psychology's undergraduate curriculum. **DISCUSSION:** In order to expanding knowledge about the theme of sexuality and gender, LASG aims to review the curriculum for Psychology's undergraduate programs. **CONCLUSION:** It's necessary to analyze critically about the undergraduate programs in Psychology, to review its priorities, and to seek strategies/suggestions/policies aiming to minimize its deficits in order to form a new generation of socially engaged professionals.

**KEYWORDS:** Academic leagues. Psychology. Undergraduate.

## Introdução

A Psicologia traz em sua história um percurso de luta para ser reconhecida enquanto profissão. Passando por diversos obstáculos em sua trajetória, necessita de contínuas reformulações e reflexões acerca de seu modelo formativo. Com o aumento dos cursos de Psicologia na década de 70 no Brasil, muito se tem discutido sobre a formação de futuras/os profissionais, no sentido de uma emergente preocupação em relação ao perfil das/os novas/os graduandas/os, oriundas/os de instituições privadas que demonstram um interesse mais voltado para o mercado em detrimento da qualidade dessa formação.

Nessa perspectiva, é necessário repensar esse modelo de formação ainda insuficiente no desenvolvimento de uma responsabilidade social com um olhar crítico e histórico acerca do contexto sociopolítico, considerando um melhor exercício profissional. Dessa forma, destaca-se a importância das Ligas Acadêmicas (LA) na tentativa não apenas de minimizar défices curriculares, mas também de determinar a autonomia estudantil ocupando um espaço fronteiro entre a instituição e a comunidade, não abdicando da sua independência, acrescentando vivências e saberes suplementares à graduação.

As LA são grupos organizados por estudantes que tem como base um tripé pautado em: ensino, pesquisa e extensão. É um espaço construído por estudantes universitárias/os e voltado para esse mesmo público. A importância das LA se dá uma vez que se enxerga nelas uma potência política estudantil. Apesar de serem instituições apartidárias, são grupos mobilizados que buscam o compartilhamento de conhecimento acadêmico, e uma maior aproximação com a comunidade, exercendo assim sua responsabilidade social. A exemplo da LASG, as LA promovem atividades autônomas em interação com a comunidade acadêmica, a fim de expandir seus alcances compartilhando e horizontalizando saberes não só técnicos, mas também vivenciais, fomentando a proatividade estudantil. Essa é uma forma de ampliar discussões muitas vezes negligenciadas pelo currículo formal das Instituições de Ensino Superior (IES).

O presente trabalho tem como principal objetivo elucidar a importância das LA na graduação em Psicologia, para isso, busca-se discutir, a partir de um relato de experiência, o papel das Ligas Acadêmicas e suas implicações na formação das/os estudantes de

graduação. Além disso, se propõe também a ressaltar o trabalho das LA como suplemento da graduação. O trabalho teve seu estudo de arte construído a partir de um primeiro artigo intitulado "A liga acadêmica como ferramenta da formação em psicologia: experiência da LAPES", liga acadêmica pioneira no curso de Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. A partir dessa fonte primária, foram investigadas as referências sugeridas, tecendo teias e conexões com as demais. Por se tratar de um campo ainda pouco explorado na academia, foi perceptível que os artigos citavam uns aos outros, criando uma limitação na exploração do tema. Três bases de dados foram utilizadas para encontrar os artigos sugeridos: SCIELO, LILACS e CAPES.

Esse trabalho se faz pertinente na tentativa de colocar em pauta discussões e reflexões acerca da formação em Psicologia. Tendo em vista que o papel das LA não deve ser o de substituir o currículo formal, mas sim expandir o conhecimento sobre determinado tema, vê-se aí a relevância de se repensar a formação em Psicologia, e de reconhecer a potência desse novo ambiente formador que vem se constituindo dentro da academia. Além de, ressaltar a importância política desses espaços para formação universitária.

O presente estudo foi produzido a partir de um relato de experiência que utilizou três disparadores para sua construção: O contexto no qual a LASG surgiu, a partir de um breve histórico; As atividades desenvolvidas pela LASG salientando o seu slogan de "Leve Adiante Seu Gozo"; E como a LASG contribui para a formação em Psicologia. Sendo assim, se propõe a pensar: como as ligas acadêmicas podem contribuir para a graduação em Psicologia?

## Breve retrospectiva da reforma universitária

A Universidade de São Paulo (USP) foi considerada a primeira universidade no Brasil, no seu sentido mais completo e preciso de instituição universitária. Enquanto isso, a Universidade do Distrito Federal (UDF) – fundada por Anísio Teixeira (pedagogo e filósofo baiano), foi segundo Santos e Almeida (2008, p.133): "a primeira universidade realmente brasileira". Em 1964 com o golpe, o regime militar tomou o poder e com essa nova posse a universidade acomodou-se à estrutura administrativa e curricular vigente no país.

Os militares acabaram por adotar nacionalmente um sistema de educação universitária norte-americano. Chamada de reforma, essa mudança dentro das universidades encontrou resistência principalmente de movimentos estudantis de esquerda que tomaram as ruas em protesto (Santos & Almeida, 2008)

A Reforma Universitária de 1968 não teve um resultado final positivo, tanto no seu modelo de formação quanto na sua estrutura institucional por tratar-se, de acordo com Amendola (2014), de um molde mais semelhante a empresas educacionais visando o lucro e o suprimento de rápidas demandas do mercado, rompendo com a articulação entre ensino e pesquisa, e transformando sua clientela em consumidores educacionais. Assim, com a redemocratização do Brasil houve uma nova tentativa de Reforma criada com o objetivo de repensar uma nova política de educação superior (Santos & Almeida, 2008).

Já nos anos 90, sob a presidência de Fernando Henrique Cardoso, houve um aumento na quantidade de instituições de ensino superior, estimulando a privatização destas, mas não melhorando, no entanto, a qualidade do ensino. Foi durante esse governo, ainda, que em 1996 foi aprovada no Senado Federal a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

### Formação em Psicologia

De acordo com Lisboa & Barbosa (2009), a Psicologia aparece enquanto ciência, no Brasil, somente no século XX, sendo inserida no ensino superior enquanto disciplina em 1930 e tornando-se obrigatória durante os três anos dos cursos de Filosofia, Ciências Sociais e Pedagogia, além disso, é inserida nas demais matrizes curriculares dos cursos de licenciatura. Esse período de inserção da Psicologia no ensino superior é chamado de “período universitário”. A Psicologia não teve, em um primeiro momento, um caráter profissionalizante. A disciplina era considerada um conhecimento relevante, mas colocada como complemento curricular para formação de profissionais de diversas áreas. É importante ressaltar que a Psicologia traz em sua história uma subserviência aos interesses de grupos dominantes.

Até esse ponto, a Psicologia ainda não tinha um perfil de curso superior independente apesar de já existir em algumas universidades brasileiras. Só em 1962, com a Lei nº 4119, tanto profissão quanto curso de formação foram regulamentados. Nesse mesmo ano

o currículo mínimo e a duração do curso de Psicologia foi fixado a partir do parecer nº 403/62 emitido pelo Conselho Federal de Educação (CFE). Esse documento afirma três níveis de formação: Bacharelado (duração de 4 anos) com foco na formação da/o pesquisadora/o; Licenciatura (duração de 4 anos), visando a formação da professora/o de Psicologia; Formação da/o Psicóloga/o (duração de 5 anos), voltado para a formação profissional (Torres, Oliveira, Yamamoto & Lima, 2008). Enquanto profissão, era utilizada de forma classificatória e diferenciadora, como instrumento de estigmatizações e discriminações (Bock, Gonçalves & Furtado, 2015).

Na década de 70, junto com a criação do Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia, também se notou um aumento no crescimento de profissionais formadas/os em Psicologia. Dois fatores explicam esse acontecimento: novas aberturas de cursos universitários particulares e grande demanda da população na busca por serviços psicológicos (Lisboa & Barbosa, 2009). O período entre 1960 e 1979 é marcado pela forte intervenção do Estado na sociedade brasileira, contextualizando a regulamentação da profissão num período caracterizado pela privatização do ensino devido à “Crise Universitária”. A década de 80 foi tida como um período de produção de informações acerca da profissão e da formação em Psicologia, lançando em 1988 o livro “Quem é o Psicólogo Brasileiro” com o intuito de fazer um diagnóstico da profissão, quatro décadas mais tarde, em 2013, seria atualizado e lançado um novo diagnóstico com o livro “Quem é a Psicóloga Brasileira” produzido pelo Conselho Federal de Psicologia. O intuito do diagnóstico foi investigar quem é o sujeito que faz a Psicologia e o impacto que tem a presença de mulheres exercendo a Psicologia no Brasil (CFP, 2013).

Ainda nessa década, devido à crise econômica, o campo profissional se viu forçado a procurar outros segmentos e as chamadas “práticas emergentes”, como a área social, por exemplo, atraíram as/os psicólogas/os para atuações mais voltadas para práticas comunitárias. Esse campo se abriu devido a acontecimentos políticos e sociais que aconteceram no país nessa época, como uma grande influência dos movimentos sociais, por exemplo. A Psicologia, que sempre teve a clínica como um modelo hegemônico, precisou se inserir em contextos que envolviam uma outra clientela diferente daquela que frequentava os consultórios, agora se via trabalhando para demandas das classes populares (Senne, 2012).

Na década seguinte, em 1996, uma nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB – Lei nº 9.394/96) entrou em vigor com o objetivo de substituir o antigo currículo mínimo, e criar um novo projeto de diretrizes curriculares. Em 2004 são aprovadas as Diretrizes Curriculares para a Psicologia através da Resolução nº 8. Tal resolução traz um novo olhar para a formação da/o profissional de Psicologia, pois prioriza o desenvolvimento de competências e habilidades durante a formação e não se resume a uma preocupação por conteúdos somente. As novas diretrizes curriculares para o curso de Psicologia adotaram uma terminalidade única na formação, a de bacharelado. Com isso, “não significa mais uma formação específica para o pesquisador em Psicologia, mas a formação de um psicólogo pesquisador” (Lisboa & Barbosa 2009, p. 731). É também nesse mesmo ano que o Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) é criado como forma de posicionar criticamente a Psicologia perante os desafios sociais históricos, vinculando a profissão à luta pelos Direitos Humanos (Bock, Gonçalves & Furtado, 2015). Como é possível perceber, essa foi uma época de progressos não apenas dentro da Psicologia que se expandia e se fortalecia, mas o país como um todo gozava de uma governabilidade comprometida com um número crescente de empregos sendo criados, e com a democracia. A Psicologia enquanto ciência e profissão, implicada com o compromisso e com a transformação social, propõe uma concepção de sujeito imerso em uma sociedade constitutiva de subjetividade (Bock, Gonçalves & Furtado, 2015).

Desde a regulamentação da Psicologia enquanto profissão, algumas questões éticas, políticas e epistemológicas têm sido debatidas a partir da percepção de uma insatisfação quanto à formação da/o psicóloga/o brasileira/o. Conforme Lisboa e Barbosa (2009), tal formação é criticada, principalmente, pela distância entre a formação acadêmica, a realidade profissional e as demandas da sociedade. De acordo com os autores, há um perfil do curso de Psicologia no Brasil caracterizado por um ensino presencial, relativamente de baixo custo por sua estrutura e que tem um retorno financeiro em curto prazo, a maioria dos cursos se localiza em instituições de ensino superior (IES) privadas. Assim, acaba por ser mantida a lógica ainda mercadológica, negligenciando as necessidades da população em busca do lucro.

## As Ligas Acadêmicas

As Ligas Acadêmicas (LA) foram inicialmente idealizadas no Brasil no contexto da ditadura militar, momento de grande tensão político-social para o país. Os movimentos estudantis passaram a questionar o ensino universitário e uma de suas principais pautas era referente ao abismo entre a teoria e a prática na formação. A União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), duas fortes representações estudantis, objetivavam lutar contra os problemas políticos e sociais por meio de passeatas, marchas e palestras. Foi nesse cenário de profundas mudanças (reformas curriculares), principalmente na Atenção à Saúde, que surgiram as primeiras Ligas Acadêmicas. De acordo com Torres et al. (2008), os conteúdos pouco integrados entre as disciplinas tornam o processo de ensino-aprendizagem pouco significativo, e conseqüentemente, pouco produtivo. Portanto, as LA têm como finalidade, desde então, de extrapolar os “muros” institucionais, visando a promoção da saúde na comunidade.

As LA surgem na área da saúde, propondo um novo olhar sobre o sujeito, uma visão integral, considerando seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Assim, essa tradição é mantida, sobretudo nos cursos de Medicina, pioneira nesse modelo de organização estudantil. Magalhães, Rechtman & Barreto (2015) trazem que a Psicologia ainda se encontra na fase inicial nesse processo de desenvolvimento e, portanto, as LA na área de Psicologia ainda são escassas.

Santana (2012), afirma não existir um conceito preciso e bem formulado do que são as Ligas Acadêmicas, no entanto, alguns pontos em comum podem ser traçados: um grupo de estudantes que tem como intuito radicar seus conhecimentos acerca de um tema proposto. As publicações sobre esse tema são insuficientes, o que dificulta, ainda mais, a formulação de um conceito sobre as LA, assim, suas funções variam conforme seus objetivos traçados de acordo com as demandas observadas.

Sabe-se que as LA são organizações sem fins lucrativos, dirigidas por e destinada para estudantes de diferentes anos de graduação. Essas organizações livres são orientadas por um/a ou mais profissionais da área e são pautadas em uma tríade formada por

pesquisa, ensino e extensão, assim, promovem discussões acerca de determinado tema, além de organizar cursos, simpósios; desenvolverem projetos de pesquisas, textos e conhecimentos científicos; e participarem de atividades acadêmicas. (Santana, 2012). As Ligas Acadêmicas são potencializadoras da formação universitária e possuem sua própria autonomia ao criarem um espaço horizontal no compartilhamento de conhecimentos. Diante disso, Hamamoto (2011, p. 537) afirma: “Ainda que nas Ligas (Acadêmicas) possam imperar formalidades, estas são, na maioria das vezes, pactuadas por e com seus pares, suavizando para o aluno o ambiente hierárquico da relação professor-aluno”.

De acordo com Peres, Andrade & Garcia (2007), uma das principais motivações que levam as/os estudantes a participarem de atividades extracurriculares, deve-se às lacunas existentes dentro do currículo formal, gerando uma insuficiência da grade curricular dos cursos de graduação bem como no preparo da/o acadêmica/o e coagindo as/os estudantes a procurarem uma formação diferenciada fora das salas de aula, por meio do currículo informal.

*Muitas das suas atividades (das LA) constituem-se para suprir deficiências dos programas educacionais das universidades [...] além disso, adquire-se conhecimentos práticos sem a pressão curricular natural, permitindo que o aluno faça escolhas de maneira consciente, planejada, de forma ativa e livre. (Santana, 2012, p.97)*

De acordo com Hamamoto (2011), espera-se da LA a construção de “espaços” em que haja uma coesão entre comunidade e estudante, e que este/a atue como agente de transformação social, exercendo uma prática mais ampla, não apenas profissional, com o olhar voltado para as demandas sociais. Além de ser um ambiente que incentive o desenvolvimento do senso crítico, estimule a criatividade, assim como a iniciativa para a autoaprendizagem, as LA também preparam a/o profissional para as constantes transformações sociais.

Dessa forma, leva-se a reflexão de que as LA não são apenas complementos, mas suplementos curriculares, de acordo com o conceito proposto por Derrida que rompe com dicotomia do dentro e do fora fugindo assim de um dualismo marcado (Santiago, 1976).

Logo, as Ligas Acadêmicas assumem esse lugar do não-lugar exato, mas que desliza entre a academia e a comunidade, se posicionando numa linha tênue entre esses dois extremos.

Apesar da eficiência e potencial das Ligas Acadêmicas, esta não pode suprir o currículo formal e responsabilizar-se, integralmente, pela formação da/o universitária/o. Hamamoto (2011) afirma que depositar nas Ligas Acadêmicas a obrigação de complemento do ensino deficiente em alguma área acaba gerando uma função de “tapa-buraco”, o que é reprovável no contexto de desenvolvimento curricular. A busca por um currículo “informal”, transgredindo a estrutura formal, pode se tratar de um indicativo de expectativas não contempladas pelo currículo instituído, e, desta forma, diminuindo o envolvimento e interesse (tanto de discentes quanto de docentes) de um pensar necessário acerca de mudanças curriculares.

*Corre-se o risco de as LA se tornarem apenas apêndices das disciplinas curriculares, num mecanismo contraproducente de “tapar-buracos”. Assim, podem acabar funcionando como ‘anestésicos’ ou ‘ansiolíticos’ para aplacar a angústia e desmobilizar a discussão e a luta por um currículo que, de fato, priorize conteúdos mais relevantes. (Torres et. al., 2008, p.718)*

Assim, as LA podem contribuir com propostas curriculares, mas devem-se atentar para não ocuparem exclusivamente uma vertente formal e acabar perdendo sua autonomia e independência, seu caráter híbrido. Pois, é através delas que se vitalizam compartilhamentos de conhecimento mais ágeis e suplementares, por meio de uma horizontalização do saber, com uma abrangência e aproximação com outras áreas e temas mais rapidamente propagados. É importante ressaltar que as LA não são para o currículo, elas são das/os e para as/os estudantes.

## Metodologia

Esse trabalho foi construído por meio de um relato de experiência através das lentes da estudante coordenadora da Liga Acadêmica de Sexualidade e Gênero (LASG) entre 2015 e 2016, ou seja, os primeiros anos de funcionamento dessa LA. Este trabalho foi produzido considerando os quatro semestres na coordenação

e os frutos gerados a partir do desenvolvimento da LASG da sua fase de criação até o momento em que se encontrava no final de 2016, incluindo as participações em eventos, parcerias e convites, bem como a construção de trabalhos, apresentações e elaboração de eventos. No período de escrita deste trabalho a autora cursava o 9º semestre de Psicologia (já tendo concluído experiência de coordenação da liga acadêmica), de uma instituição de ensino superior privada filantrópica. Mulher, branca, idealizadora e uma das fundadoras da LASG. A importância de demarcar o lugar de fala na apresentação da metodologia se faz pertinente uma vez que o relato de experiência é construído com influência de marcadores sociais que vão justificar o caminho percorrido para a confecção deste trabalho.

O relato de experiência é uma metodologia que assume um posicionamento político frente a um cientificismo dominante regido pelo tripé da racionalidade, objetividade e neutralidade. Esse trabalho tem como proposta assumir uma narrativa científica, com voz ativa e situando o saber com base no processo vivenciado pelo/a pesquisador/a, considerando seu contexto histórico e cultural. Por conta disso, a partir do tópico seguinte deste trabalho será adotada uma escrita pessoal, em primeira pessoa, e situada. O relato de experiência compreende o discurso sendo construído com influências externas e posicionado frente ao seu lugar de fala, e tempo histórico (Daltro & Faria, 2019). Consoante com a proposta de testemunho de Seligmann-Silva (2010), para que se tenha o testemunho é necessário haver a testemunha de tal fato, ou seja, ter vivenciado o acontecimento. O testemunho traz a testemunha para um papel mais ativo na evocação do fato, de forma a contestar os modelos clássicos de narrativa.

*Testemunho e diário são marcas ou pegadas do indivíduo na era da sua desapareição. Este indivíduo precisa se apegar a um Eu que ele está recriando e reafirmando tanto quanto lhe é permitido por um mundo que o puxa, se não para o extermínio, ao menos para o anonimato e para a sua insignificância.*  
(Seligmann-Silva, 2010, p.9)

Assim, o relato de experiência combina a existência narrada com referenciais teóricos que fundamentam a argumentação, desafia uma lógica meramente racional e neutra de se fazer ciência e enfatiza a potência narrativa da/o pesquisador/a como modo de legitimar discursos (Daltro & Faria, 2019). Para nortear a construção deste trabalho, o relato de experiência estruturou-se a partir dos seguintes disparadores: a) O contexto no qual a LASG surgiu, a partir de um breve histórico; b) As atividades desenvolvidas pela LASG salientando seu slogan "Leve Adiante Seu Gozo"; c) Contribuições da LASG para a formação em Psicologia.

## Resultados e discussão

### LASG: Um Breve Histórico

A ideia de criar a Liga Acadêmica de Sexualidade e Gênero (LASG) se deu após o discurso do candidato Levy Fidelix (PRTB) em resposta à candidata Luciana Genro (PSOL) no debate organizado pela emissora Rede Record durante a eleição para presidência, em 2014. Na época, o discurso em horário nobre por meio televisivo aberto, falando sobre aparelho excretor não ter capacidade de reprodução<sup>1</sup>, causou uma grande repercussão na mídia, sobretudo nas redes sociais. Esse momento angustiante foi intensificado ao perceber a dimensão acrítica do discurso e a ausência de discussões políticas sobre o assunto principalmente no curso de Psicologia, onde a saúde não apenas física, mas emocional e mental deveria ser considerada.

A partir daí surgiu a necessidade de encontrar um espaço onde fosse possível compartilhar opiniões, sentimentos e afetações referentes à fala do candidato, com intuito de encontrar pessoas que também se sentiram impactadas com aquelas palavras. Tudo isso foi impulsionador para se procurar um momento, um grupo, um local onde fosse possível expor tal incômodo. Foi assim que surgiu a ideia de montar uma organização livre, com o intuito de debater questões

<sup>1</sup> "Dois iguais não fazem filho. E digo mais, aparelho excretor não reproduz [...] vamos ter coragem, nós somos maioria, vamos enfrentar essa minoria." Essa foi a fala do candidato Levy Fidelix (PRTB) no debate presidencial, de 2014, em resposta à pergunta da candidata Luciana Genro (PSOL) que lhe questionava sobre o direito ao casamento civil igualitário para a população LGBT. O candidato, como expressa em sua fala, se mostrou contrário.

científicas mas também pessoais dentro do tema de sexualidades e gênero que não são discutidos dentro das salas de aula. A partir daí, estava nítida a necessidade da criação de um ambiente acadêmico para se debater essas questões, e expor opiniões sobre o ocorrido. A LASG surge a partir da urgente necessidade de se discutir temas voltados para sexualidades e gênero dentro da instituição.

A estrutura de Liga Acadêmica pareceu mais adequada por dois motivos: 1) reuniões semanais podendo dar continuidade à discussão, não sendo apenas encontros pontuais; 2) um grupo formado por estudantes e para estudantes, horizontalizando o conhecimento e fugindo de uma estrutura acadêmica ainda presente em aulas, palestras e – frequentemente – em grupos de estudo. Após a idealização do espaço, a etapa seguinte foi a escolha de um/a professor/a que tivesse afinidade com o tema para orientar o grupo com referências bibliográficas, indicações de leituras e apoios burocráticos, mas preservando a autonomia e liberdade das/os estudantes. A orientadora escolhida foi a professora Anna Amélia de Faria, por haver uma convergência de perspectiva, sobretudo em relação à metodologia pretendida pela Liga Acadêmica que estava prestes a se formar.

É importante ressaltar que desde o princípio a proposta da LASG foi de ser uma organização livre e horizontal, ou seja, sem hierarquias de saberes. Dessa forma, a orientadora escolhida compactuava com esse mesmo desejo e, desde o início, apostou no grupo como um espaço de potência e competência, acreditando no nosso trabalho e nos incentivando a ocupar lugares que nos pertencem. No dia 23 de março de 2015 a LASG foi oficializada pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, dando início assim a uma nova era de engajamento estudantil no curso de Psicologia da instituição. Até o momento, em Psicologia, existia apenas uma única Liga Acadêmica oficializada e ativa, após um ano de oficialização da LASG o número de LA na instituição aumentou quatro vezes mais.

A LASG, a princípio, estruturou-se como um espaço de acolhimento para angústias de vivências de situações sexistas e/ou LGBTfóbicas (a LGBTfobia pode ser compreendida aqui como violência e/ou discriminação contra uma pessoa lésbica, gay, bissexual,

transexual ou travesti, seja devido à sua sexualidade ou identidade de gênero), funcionando também como um “grupo de apoio” para pessoas que já foram ou ainda são, de alguma forma, discriminadas pela sua orientação sexual, pela sua identidade de gênero ou pelo gênero com o qual se identificam, além de acolher também, pessoas dispostas a desconstruir ideias normativas e opressoras que regem a sociedade onde vivemos.

Dizer que a LASG também funciona como grupo de apoio não me parece nenhum pouco contraditório com a ideia de produzir conhecimento, afinal, sempre foi um objetivo nosso elucidar outras formas de saberes, para além daquelas validadas dentro da academia que reverbera na meta principal do grupo em seus primeiros anos de funcionamento: a desconstrução. Esta talvez fosse a palavra mais dita em participações em eventos, aulas e reuniões. Não havia pretensões alguma de ditar normatividades e/ou regras, mesmo que contra hegemônicas, nosso propósito era de promover a discussão e fomentar a reflexão, pois acreditamos que assim podemos desconstruir ideias naturalizadas, preconceitos internalizados e comportamentos impostos socialmente.

Desde o seu primeiro semestre de existência, a LASG já mudou sua estrutura, seu modelo de gestão, sua metodologia e seus processos de seleção. Isso confirma a ideia inicial do grupo de fugir de estruturas fixas e pré-moldadas que engessem o funcionamento da LA, nos possibilitando a sempre buscar melhores formas de atuação, determinando nossa autonomia. A LASG não se isenta da sua responsabilidade social e se afirma enquanto grupo político, por isso, também, serve de exemplo para muitas/os estudantes pois inspira uma proatividade estudantil convocando a todas/os para um engajamento socio-político. A LASG formalizou-se como uma entidade sem fins lucrativos, não religiosa, política e apartidária, organizada por estudantes e rompendo com a hierarquização do conhecimento. Foi pensando assim que a liga construiu o seu estatuto renomeando cargos (coordenadora 1 e 2 ou invés de presidente e vice-presidente) tentando horizontalizar a participação de seus membros e adotando um modelo de autogestão a ser regido.

Com pouco mais de um ano de oficialização, a LASG constava de 14 membros oficiais, sendo 6 destes, também, membros fundadores/as; uma orientadora escolhida por demonstrar interesse no campo de estudo; e membros não oficiais que foram convidados/as, através da página na rede social facebook, para reuniões do grupo. A Liga Acadêmica de Sexualidade e Gênero abre suas reuniões semanais para pessoas interessadas no tema ou em conhecer o trabalho da LA, acreditando assim contemplar um de seus objetivos formado por um tripé composto de: ensino, pesquisa e extensão.

### “Leve Adiante Seu Gozo”

A primeira grande atividade realizada pela LASG foi o cine debate do filme “Tomboy”, no primeiro semestre de 2015 que aconteceu na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, campus Brotas, no dia 29 de maio, às 16h (dia e horário da reunião da liga). O evento foi divulgado nas redes sociais, por meio de cartazes dentro da instituição e contou com uma adesão significativa para um grupo recém estruturado com pouco mais de quatro meses de trabalho. Durante o segundo semestre de atuação da LASG, foram pensadas outras intervenções na tentativa de visibilizar o trabalho da LA e de promover um contato mais próximo com a comunidade acadêmica. Com esse intuito foi promovida a “Roda de Conversa: Violência Contra População Trans” contando com a presença de três convidados que puderam compartilhar suas vivências enquanto homens trans. O evento aconteceu no pátio da Escola Bahiana, no campus Brotas, no dia 16 de outubro de 2015, às 16h. Além disso, também foi promovido o “II Cine Debate: Circumstance”, nas sedes da Bahiana, no dia 13 de novembro de 2015, às 15h, onde novamente foi possível realizar uma discussão após assistir ao filme. A LASG, em conjunto com o Diretório Acadêmico, pensou e efetivou a recepção de calouras/os se apresentando no primeiro semestre do curso, durante a aula da orientadora da LA, levando alguns disparadores

com o intuito de promover a reflexão sobre sexualidade e gênero logo na chegada das/os estudantes no primeiro semestre de graduação.

No terceiro semestre de trabalho, a LASG conseguiu contar com a presença de dois convidados psicólogos que aceitaram o convite para falar, em reuniões distintas, sobre suas experiências trabalhando com travestis e transexuais e com as famílias de pessoas LGBT's, respectivamente. Esses encontros foram enriquecedores e abriram possibilidades de atuação, enquanto futuros/as profissionais, e enquanto Liga Acadêmica. Observou-se que a partir do terceiro semestre de atuação, a LASG alcançou uma visibilidade significativa dentro e fora da instituição. Tal constatação foi evidenciada por diversos convites para participações em eventos internos e externos, desde fóruns até aulas para turmas de pós-graduação, ratificando mais uma vez a importância e necessidade de se discutir temáticas que acabam sendo preteridas pelas instituições de ensino superior. Percebeu-se com isso a conquista de um importante lugar de referência em que a LA se encontra hoje, fruto de muito trabalho e estudo.

Foi também durante seu terceiro semestre de atuação que a LASG juntamente com as demais LA, conseguiram concretizar o projeto de interligas através do evento institucional intitulado “V Café Científico” transversalizando os temas de sexualidades e gênero, relações raciais e substâncias psicoativas, o evento aconteceu em 01 de junho de 2016, no auditório do campus Cabula da Escola Bahiana e foi organizado pelos grupos estudantis: Liga Acadêmica de Redução de Danos (LARD), Liga Acadêmica de Sexualidade e Gênero (LASG), Liga Acadêmica de Relações Raciais (LARR), Liga Acadêmica Saúde da Mulher (LASM) e Liga de Enfermagem em Emergência (L2E), contando com um dia de evento composto de mesas e apresentações artísticas, sendo noticiada no site da instituição como “V Café Científico lota auditório do Cabula”<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Matéria disponível através do link: <https://www.bahiana.edu.br/noticias/detalhes/20514/v-cafe-cientifico-lota-auditorio-do-cabula/1>

No seu quarto semestre de atuação, a LASG foi convidada para participar de eventos em homenagem ao Dia da Psicologia intitulado "Psicologia: de quem e para quem?" e sendo realizado no dia 24 de agosto de 2016, contando com uma manhã inteira de mesas e oficinas que aconteceram no campus Brotas, da Escola Bahiana. Tais convites foram um marco para o percurso da LA por ser uma conquista nossa ocupar lugares tão significativos e expressivos. Além desses eventos, a LASG também promoveu atividades mais pontuais e algumas restritas a estudantes da instituição, tais como: uma homenagem ao dia 08 de março, tido como Dia Internacional da Mulher, tanto em 2015 como em 2016. Apesar de oficinas, rodas de conversa e reuniões abertas, uma pauta constantemente discutida no grupo destacava a importância de uma construção científica da LASG em prol de uma maior credibilidade no meio acadêmico. Dessa forma, foi construído e apresentado na "XVI Mostra Científica e Cultural", no dia 07 de outubro de 2016, na Escola Bahiana, campus Cabula, um pôster produzido por cinco integrantes da LA com o seguinte título "A LASG Enquanto Multiplicadora das Questões de Sexualidades e Gênero: Um Relato de Experiência.". Este trabalho teve como intuito discutir a importância de se criar espaços curriculares para debates e discussões sobre temas preteridos dentro das instituições, com o foco nas temáticas de sexualidades e gênero, trazendo relatos das integrantes de semestres distintos e pontuando as motivações que as levaram a ingressar na LASG.

Sobre os processos de seleção, a LASG se reinventa a partir da demanda do grupo, pois, acredita na importância da coesão grupal e da identidade coletiva. Com isso, foi acordado não engessar os processos de seleção, podendo variar quanto ao período e quanto à metodologia para realizá-lo. Comprometimento, disponibilidade, interesse e curiosidade sobre o tema são características básicas observadas em futuros/as integrantes.

Até o ano de 2016 foram realizados dois processos de seleção. Em sua primeira edição foi criado um slogan para a LASG a partir de sua sigla. O intuito era pensar numa frase convidativa e que refletisse o trabalho do grupo nesses últimos semestres. Assim, ficou definida a seguinte frase: "Leve Adiante Seu Gozo". Nesse contexto, entende-se "gozo" como fonte de prazer, que pode ser atribuído a diversos âmbitos, principalmente no campo do conhecimento. A frase seria, então, um convite a compartilhar conhecimentos e vivências com a LASG, enfatizando, talvez, uma

perspectiva da LA ao criticar o academicismo e defender a ideia de que vivências também são saberes.

### **Como a LASG contribui para a formação em Psicologia**

Além de pretender a ampliação dos conhecimentos acerca da temática de sexualidade e gênero promovendo a extensão, ensino e pesquisa, a LASG tem como objetivo, também, lutar por uma reavaliação do currículo mínimo proposto para o curso de Psicologia. Acreditamos ser fundamental ampliar os espaços para se discutir os temas chamados de emergentes, pois impactam diretamente no exercício da profissão. A LASG trazia como opinião unânime entre o grupo, a importância de se discutir sexualidades e gênero no currículo formal dentro das instituições de ensino (básico, médio e superior), ressaltando, todavia, a necessidade de ter um corpo docente preparado e capacitado para promover esse tipo de discussão.

Em um ano e meio de trabalho já foi possível observar a visibilidade alcançada pela LASG, o aumento significativo de pessoas das mais variadas instituições frequentando as reuniões mostra o quanto o grupo já ultrapassou os muros da instituição de origem. Além disso, o reconhecimento, por parte da instituição, do trabalho da LA incentiva as/os professoras/es a valorizarem e recorrerem à LASG como suporte para discussões sobre o tema de estudo da mesma. Dessa forma, os feedbacks recebidos servem de incentivo para dar continuidade ao trabalho que o grupo já vem produzindo, pensando em novos projetos e novas propostas de intervenção. Atualmente a LASG tem recebido convites para organizar, participar e promover eventos em conjunto com alguns docentes e com outras Ligas Acadêmicas. Um marco significativo para as LA da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública foi promover, em 2016, eventos interligas, com a participação das demais ligas de Psicologia podendo transversalizar temas que se correlacionam. Assim, a LASG acredita na importância de contextualizar o indivíduo enxergando-o por diferentes perspectivas, sem que, para isso, seja necessário fragmentá-lo.

Apesar dos diversos avanços e da ampla visibilidade adquirida em um tempo relativamente curto de existência, sabe-se que há dificuldades que, por vezes, impedem algumas ações de serem realizadas. A excessiva burocracia existente nas Instituições de Ensino Superior (IES) privadas acaba limitando

algumas atividades menos formais idealizadas pela LASG. Sobre a participação das/os integrantes, algo a se melhorar seria o comprometimento destas/destes. Sabemos que, com a rotina de aulas e atividades avaliativas, em alguns momentos a LA fica em segundo plano por ser uma atividade extracurricular. Entende-se assim que, o academicismo competitivo imposto pelas instituições de ensino superior, acabam sobrecarregando as/os estudantes dificultando a sua dedicação às outras atividades de seus interesses.

Por fim, A LASG traz contribuições para formação estudantil como postura crítica frente à realidade sociopolítica e cultural, responsabilidade social, horizontalidade do conhecimento, problematização do academicismo e o posicionamento crítico frente ao tecnicismo. Colabora assim para formação de psicólogas/os mais críticas/os e engajadas/os na construção de uma Psicologia contra hegemônica, ou seja, a construção de uma Psicologia brasileira.

O que fica da LASG em mim, para além de conhecimentos científicos, é o sentimento de pertencimento. É a sensação de que não estamos sozinhas/os numa luta por uma formação mais contextualizada, por um fazer psicológico mais ético e uma atuação profissional menos excludente. A LASG contribuiu não apenas para a minha formação profissional, mas para constituição do meu eu enquanto corpo de resistência em um contexto político reacionário e desanimador. Foi a partir dela que pude me tornar uma pessoa mais engajada, menos preconceituosa e mais aberta ao debate. Tive acesso a referências bibliográficas, a autoras/es e pessoas de referência que enriqueceram a minha formação, e assim é possível afirmar que a LASG me proporcionou aprendizados que nenhuma “sala de aula” seria capaz de me ensinar.

Se fosse possível um desejo para o futuro da LASG seria de elucidar a importância desse espaço, dessa Liga Acadêmica, não apenas para a instituição, mas para o cenário nacional e da conjuntura atual. Um grupo que tenha pretensões de mudanças sociais, de compromisso e engajamento político e, quiçá de transformar o mundo. Ora, será que a esperança não pode ser compreendida como operacional de uma práxis? Que esse grupo encontre forças para continuar, pois nesse espaço de potência tanto já foi conquistado, mas há ainda mais a ocupar, e que esse “gozo” possa ser levado adiante pois acredito ser nessas ações de micropolíticas que possibilitamos nosso devir.

## Considerações finais

Após 58 anos da regulamentação da Psicologia no Brasil, o modo de atuação das/os psicólogas/os, bem como as demandas a elas/es dirigidas, não mudou de forma significativa, ressaltando a importância de se pensar no fazer da/o profissional de psicologia, analisando o seu lugar enquanto ciência com o compromisso ético-social. Dessa forma é possível repensar a formação em Psicologia, enfatizando em sua graduação uma articulação entre teoria e prática, e fomentando uma visão crítica do contexto sociopolítico e cultural, colaborando, com isso, para uma reflexão e melhor atuação frente aos novos desafios e demandas da sociedade.

A implicação da/o estudante de Psicologia nesses processos, e o incentivo ao engajamento estudantil, colabora para a autonomia da/o futura/o profissional e potencializa o seu próprio processo de formação.

Sabe-se que as Ligas Acadêmicas, de um modo geral, são ferramentas de suplemento da graduação, mas é importante ressaltar que os temas preteridos dentro das instituições de ensino superior não podem ser de responsabilidade única e exclusiva delas. O papel das LA deveria ser de radicar o conhecimento sobre um tema específico, mas por não existir espaços para discussão sobre sexualidades e gênero nas Instituições de Ensino Superior, a LASG acaba sendo um espaço isolado, um “tapa buraco. Responsabilizar as LA pela complementação curricular acaba isentando a IES da necessidade de instaurar mudanças. O foco precisa ser direcionado para a revisão do currículo formal, não para atividades extracurriculares que acabam beneficiando apenas um grupo de estudantes como um “bônus” para a formação. A LASG luta para que certos temas entrem em discussão dentro do currículo formal para assim “valorizar um campo de estudo que, muitas vezes, não encontra legitimação em um ambiente acadêmico, pois é entendido mais como uma militância e não como uma prática acadêmica” (Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres, 2006 como citado em Narvaz & Koller, 2007, p.220).

É necessário, e de interesse da LASG, se pensar na urgência em se trabalhar temáticas que estão diretamente ligadas ao ser humano e que, dada a realidade do Brasil, podem causar diversos tipos de sofrimento, inclusive, psíquico. Assim, um desafio constante das Instituições de Ensino Superior é a reavaliação e reconstrução da grade curricular, visando as demandas

sociais, e formando profissionais críticos/as, reflexivos/as, engajados/as, competentes e com capacidade de inovação. Com isso, certamente, se formará uma nova geração de psicólogos/os com senso de responsabilidade social, numa procura constante por conhecimento.

É possível, assim, levantar demandas do cenário atual, e considerar também o histórico da Psicologia, para qual público ela oferece seus serviços e por quem foi instituída. É necessário desvelar os discursos hegemônicos que vêm sendo produzido por essa ciência e entender seus efeitos na construção de saberes que, ao serem veiculados como verdades, acabam legitimando determinados moldes de se pensar e de se fazer Psicologia. Com isso, poder pensar criticamente a respeito da formação em Psicologia, revendo suas prioridades e buscando minimizar seus défices.

### Contribuições das autoras

De Faria AA concebeu e redigiu o relato, revisou e orientou o texto. Alves RLV concebeu e redigiu o relato.

### Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

## Referências

- Amendola, M. F. (2014). Formação em Psicologia, demandas sociais contemporâneas e ética: uma perspectiva. *Psicologia Ciência e Profissão*, 34(4), 971-983. <https://doi.org/10.1590/1982-370001762013>
- Bock, A. M. B. (2015). A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves, & O. Furtado (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. Cortez. P. 21-47.
- Conselho Federal de Psicologia (2013). *Quem é a Psicóloga Brasileira? mulher, psicologia e trabalho*. CFP.
- Daltro, M., & Faria, A. A. (2019). Relato de experiência: uma narrativa na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 223-237. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43015>
- Hamamoto Filho, P. T. Ligas acadêmicas: motivações e críticas a propósito de um repensar necessário. (2011). *Revista Brasileira de Educação Médica*, 35(4), 535-543, out./dez. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022011000400013>
- Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em Psicologia no Brasil: Um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 718-737. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932009000400006>
- Magalhães, E. P., Rechtman, R., & Barreto, V. (2015). A liga acadêmica como ferramenta da formação em psicologia: experiência da LAPES. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(1), 135-141. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191813>
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2007). A marginalização dos estudos feministas e de gênero na Psicologia acadêmica contemporânea. *PSICO*, 38(3), 216-223. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2882>
- Peres, C. M., Andrade, A. S., & Garcia, S. B. (2007). Atividades extracurriculares: multiplicidade e diferenciação necessárias ao currículo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 31(3), 203-211. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022007000300002>
- Santana, A. C. D. A. (2012). Ligas acadêmicas estudantis: O mérito e a realidade. *Revista Medicina Ribeirão Preto*, 45(1), 96-98. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v45i1p96-98>
- Santiago, S. (1976). *Glossário de Derrida*. Francisco Alves.
- Almeida, N. F. (2008). Universidade nova no Brasil. In B. S. Santos, & N. F. Almeida. *A universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Cortez. P.107-257.
- Seligmann-Silva, M. (2010). O Local do Testemunho. *Revista Tempo e Argumento*, 2(1), 03-20. <https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2010.v10n2a21820>
- Senne, W. A. (2012). Reforma universitária e diretrizes curriculares: a formação reativa da graduação em Psicologia. *Mnemosine*, 8(1), 178-193. [https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/viewFile/41579/pdf\\_231](https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/viewFile/41579/pdf_231)
- Torres, A. R., Oliveira, G. M., Yamamoto, F. M., & Lima, M. C. P. (2008). Ligas acadêmicas e formação médica: contribuições e desafios. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 12(27), 713-20. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000400003>